DA GRUTA À CENA
Reflexões sobre a pesquisa de um Teatro Grotesco Ordinário na encenação *Dona Augusta*

Nicolas Matheus Lopes Queiroz dos Santos Correia[1]; Amanda Pires Andrade, Sara Obst Ramos, Felipe Valente Antonakopoulos e Vinicius Vianna Machado[2]; Fátima Costa de Lima[3]

[1] Acadêmico do Curso de Licenciatura em Teatro, CEART - bolsista PROBIC-Af/UDESC
[2] Acadêmicos/as do Curso de Licenciatura em Teatro, CEART
[3] Orientadora, Departamento de Artes Cênicas, CEART – costadelimafatima@gmail.com

Palavras-chave: Grotesco. Cena Teatral. Teoria crítica.

O Teatro Grotesco não é uma especificidade teatral em si, mas a apropriação de um termo provindo de uma descoberta das Artes Visuais e reconfigurado como modelo para as Artes da Cena. Trata-se de um saber artístico que, relacionado ao riso, ao ridículo e ao excesso, se direciona aos campos do bizarro e do fantástico nas reflexões das filosofias moderna e contemporânea. Nas Artes Cênicas, o grotesco está historicamente vinculado à comicidade e à sátira; e ao exagero das figuras cotidianas. Desdobrado em momentos históricos, em movimentos e formas especificas, o que interessa à presente pesquisa é: entender, a partir da Teoria Crítica, como formulada por Walter Benjamin (1994), o senso comum construído historicamente nas Artes da Cena quando se pensa em grotesco (Roble, 2016). Como pesquisador, minha intenção inicial na proposição de construção de um espetáculo teatral intitulado *Dona Augusta* - iniciado com o propósito de formação de um grupo teatral atualmente em atividade, a Cia Mosca, onde eu sou diretor geral e diretor do espetáculo -, foi aplicar a ideia de grotesco no processo de criação do espetáculo. Não somente no uso da palavra, mas principalmente no campo da reflexão estética, a fim de despertar nos corpos as lógicas internas e suas sensibilidades sobre o perverso e o fantástico, contrapondo-o à ideia e às formas de comicidade. Na presente pesquisa, o grotesco é um articulador da cena que tem como proposta acessar outras fontes de criação que não somente o cômico ou o satírico. Em uma sociedade onde as figuras grotescas do cotidiano são banalizadas e naturalizadas pela lógica do capitalismo; introduzidas nas casas, nos espaços de consumo, na mídia e nas esferas artísticas (Benjamin, 1994, p. 120-136), a montagem teatral de *Dona Augusta* utiliza imagens que emergem do cenário social e eleva-as ao exagero das formas e manifestações do sensível e das questões "apagadas" da construção histórica linear (Benjamin, 1994, p. 222-232). A dramaturgia da peça teatral materializa figuras criadas na cabeça de uma personagem Criança que vive em um contexto de repressão máxima; e faz, com isso, referência a brincadeiras lúdicas da infância (Benjamin, 1994, p. 235-253). A partir da imaginação de uma figura propositalmente exposta em cena como "perturbada", a atuação do elenco da Cia Mosca injeta nas formas a maximização das sensações que se diluem nas figuras criadas pela imaginação da Criança, a fim de alcançar o objetivo cênico do trabalho: a "figura grotesca". Ao propor um teatro que dialogue com as transformações cotidianas, a encenação de *Dona Augusta* está estruturalmente disponível a mudanças espontâneas em sua dramaturgia; e, como metodologia para a continuidade da pesquisa das figuras grotescas, a investigação cênica atualmente se

desdobra em conceitos filosóficos da Teoria Crítica, incorporados a partir do Coletivo de Pesquisa *Imagens Políticas*, que compõem o grupo de pesquisadores/as do Grupo CNPq *Poéticas Políticas do Teatro Contemporâneo*. A presente pesquisa reflete, na perspectiva da vida ordinária, sobre o modo como a imagem exagerada e fantasiada pode decorrer de corpos sensíveis e de reflexões negligenciadas no cotidiano, contrapondo-se também às ideias de harmonia, beleza e proporção desenvolvidas e valorizadas na Estética Clássica, de Platão e Aristóteles. (Suassuna, 2004). Quando se depara com as diferenças sociais entre atores e atrizes do elenco de *Dona Augusta* – de ordem da classe social, do gênero, da sexualidade e da experiência –, como diretor teatral percebo a "pobreza de experiência" (Benjamin, 1994, p. 114-119) transmitida e vivenciada pela cultura que promove uma hierarquia de poder geracional. Ao fazer a crítica a essa cultura, investigo nas histórias subjetivas de cada um dos atores e de cada uma das atrizes suas potencialidades imagéticas a fim de elaborar uma dramaturgia cênica com figuras que dialoguem com o universo da imaginação da Criança: é desta forma que os relatos cotidianos se tornam o ponto de partida para criação grotesca. Esses relatos não são em si fontes primárias da pesquisa de atuação teatral do grotesco, mas um caminho de autoconhecimento e risco para que os corpos de atores e atrizes produzam figuras em constante tensão entre si e, deste modo, construam uma narrativa cujo objetivo é afetar o público de maneira direta e imediata. No que tange a essa tensão, a figura grotesca serve como articuladora de uma narrativa cuja expressão cênica coloca o público em contato com imagens vivas e em movimento – para além da exposição narrativa meramente focada no texto dramatúrgico. Em relação ao diálogo entre a obra teatral e o público, é irrelevante se a referência textual dá conta dos afetos e narrativas que aparecem na dramaturgia da cena. Enfim, a pesquisa tem como objetivo explorar imagens cotidianas através de uma compreensão estética que encontre outros sentidos da palavra "grotesco" bem como de sua aplicação nas artes da cena, a fim de efetivar novos usos da imagem bem como desenvolver um pensamento crítico na prática teatral da Cia Mosca; e compartilhar com o público o resultado filosófico, artístico e sensível que *Dona Augusta* pode alcançar.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ROBLE, Odilon. **Introdução do grotesco nas artes da cena**. Pós - Belo Horizonte, volume 6, número 11, p. 148 – 159, maio 2016.

SUASSUNA, Ariano. **Introdução à estética.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.